

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18. n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 196 1 DE JUNHO 1884	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42 Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120		
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—\$—	—\$—		
Estrangeiro (união geral dos correios) .	5\$000	2\$500	—\$—	—\$—		

CHRONICA OCCIDENTAL

Acabaram-se as recitas de Celine Chaumont, o que quer dizer que se acabou um dos espectáculos mais interessantes, mais alegres, mais divertidos que Lisboa tem presenciado.

Aquellas comedias deliciosas de Meilhac e Halevy, em que o espirito mais parisiense scintilla em cada phrase, representadas magistralmente por uns comicos excellentes, eram um verdadeiro encanto: as noites passavam rapidas e deliciosas e a gente sahia do theatro satisfeitissima, cheia de bom humor, como raras vezes se sae d'um espectáculo publico.

E isto fez um successo completo em Lisboa ás sete recitas de Celine Chaumont, successo que não foi só da grande actriz do Palais Royal, que foi tambem e principalmente da *troupe* que a acompanhava.

Celine Chaumont é realmente uma notabilidade no seu genero, na *charge*. Chega ás vezes a ter uma pontinha de genio: creio que não será facil igualal-a na *Cigale* e na *Petite marquise*, e no fim de contas em todo o repertorio burlesco de Meilhac e Halevy, os seus dois auctores predilectos, aquelles cuja *verve* theatral se casa mais com a sua individualidade artistica.

Como dissemos na nossa ultima chronica, não sabemos se a Celine Chaumont que vimos em S. Carlos é exactamente a mesma Celine Chaumont de Paris, não sabemos se no meio parisiense a actriz differe alguma coisa da actriz em *tournee* pelas provincias e pelo estrangeiro; cremos que sim, porque no *Divorçons*, por exemplo, Celine Chaumont modificou muito o jogo de scena do ultimo acto, aconselhada por alguém que temia que o publico de Lisboa se escandalisasse com a embriaguez e as expansões conjugaes muito decotadas de Cyprienne Desprunelles no restaurant com seu marido, mas seja como fôr, nós temos que apreciar a Celine Chaumont tal qual a vimos em Lisboa, e além d'isso o principal defeito da afamada artista pouco tem que ver com quaesquer modificações que ella introduza no seu trabalho.

Esse defeito é a falta de variedade nas diferentes creações, é a personalidade da artista a revelar-se em todos os papeis mais oppostos, é os mesmos gestos, as mesmas poses,



SUA Magestade a Rainha D. MARIA PIA DE SABOYA
(Segundo uma photographia de Fillon)

as mesmas expressões, as mesmas caretas — umas caretas que são faladas em Paris, e que a critica parisiense censura constantemente a Celine Chaumont — a reaparecerem sempre em todas as suas creações.

Em Lisboa Celine Chaumont fez apenas tres comedias grandes, *La Cigale*, *Divorçons* e *La petite marquise*. Pois em todas as tres peças vimos sempre a mesma actriz, a mesma individualidade, a mesma creatura.

E como a *Cigale* é, além da peça que mais bem cae dentro do seu feito artistico, aquella em que primeiro a vimos e portanto que nos deu a primeira impressão da illustre actriz, no *Divorçons* e na *Petite marquise* nós estivemos quasi sempre vendo a saltimbanca da *Cigale*, o mesmo riso, as mesmas caretas, o mesmo modo de andar de mulher de cavallinhos, coisas que ella faz excellentemente, deliciosamente, mas que são completamente deslocadas n'esses papeis.

Apesar d'esses senões, a Chaumont é uma actriz notavel, e no seu genero uma verdadeira celebridade.

E d'ahi, é possivel que estes defeitos ella os attenuue em Paris pelo cuidado escrupuloso com que alli representa, e que se notem mais n'estas *tournees* pelo estrangeiro, onde a não prendem iguaes receios do publico e da critica.

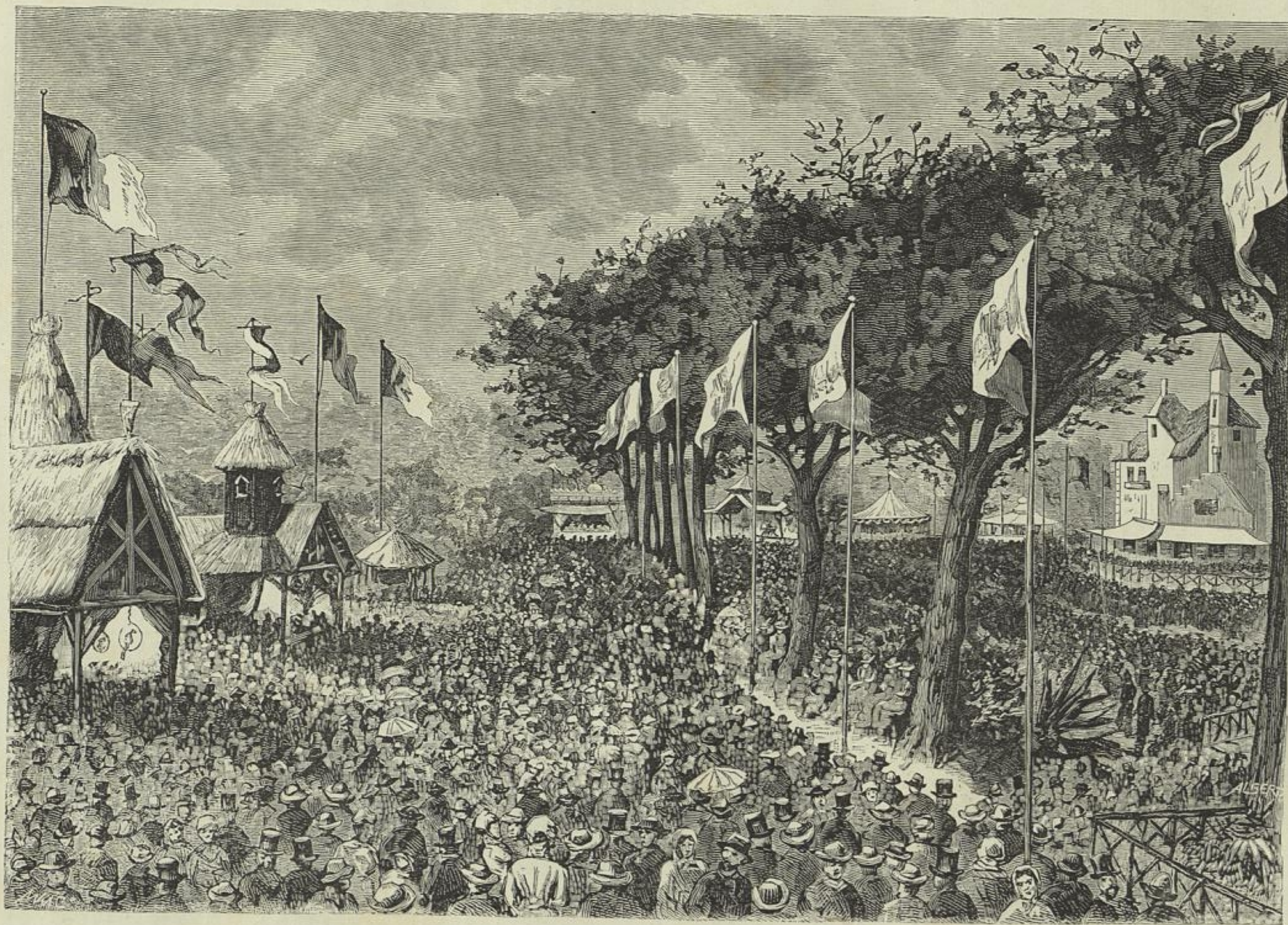
E o que é verdade, é que mesmo com esses defeitos tomarmos nós sempre tel-a cá, porque esses defeitos são resgatados por uma extraordinaria *verve*, por um real talento que se revela n'um gesto, que deslumbra n'uma phrase.

Chaumont não se preoccupa muito com a grande arte moderna; não se importa nada em ser convencional ou não. O que quer é tirar effeitos de tudo: não procura viver os seus personagens, procura fazer rir, e isso consegue-o sempre, muitas vezes com grave escandalo da arte naturalista.

Ao lado de Celine Chaumont veio um artista que parecia talhado a pôr em evidencia os defeitos d'ella.

Era o sr. Didier, um artista excellente, d'uma naturalidade assombrosa, d'uma sobriedade de meios que contrastava singularmente com as *ficelles* da Chaumont.

Em todos os papeis que o vimos fazer, Didier satisfiz-nos plenamente. É perfeitamente o typo do actor comico moderno. Na *Cigale*, no *Divorçons*



A KERMESE NA REAL TAPADA DA AJUDA (Desenho do natural por J. Christino e M. de Macedo)

O INFANTE D. FRANCISCO

APRECIADO NA SUA CORRESPONDENCIA INEDITA

1726

Em 1726 reinava em Portugal D. João V, havia dezenove annos. Nascido aos 22 de outubro de 1689, tinha sido jurado herdeiro da corôa no 1.º de dezembro de 1697, subira ao throno em 9 de dezembro de 1706, e fôra aclamado com todas as solemnidades do estylo no dia primeiro do anno seguinte, contando apenas dezeseite annos de idade. Era uma formosa creança, até então amimada no regaço das mulheres, segundo refere uma auctoridade insuspeita, o visconde de Santarem, no seu *Quadro Elementar*. O que, porém, não disse o illustre biographo foi que esse ditoso principe passou da mesma fórma o resto dos seus felizes dias, cousa em verdade muito vulgar nas testas coroadas, como se depreheende claramente da seguinte observação de fr. Luiz de Sousa (*Annaes de D. João III, pag. 16*), ao conjecturar as causas do terceiro casamento de D. Manuel: — *ou que fosse algum movimento de carne e sangue, a que todo o homem é sujeito, e a compleição dos reis muito mais que as ordinarias dos outros homens, succedeu o que menos lhe armava para a vida, e mais dannoso era para o estado do seu reino: que foi determinar-se em terceiras bodas.*

N'aquelle anno era, pois, chefe da familia de Bragança o real amigo do amavel e espirituoso ministro dos extrangeiros, Diogo de Mendonça Corte Real, e do corregedor Caetano José da Silva Soutto-Mayor, mais geralmente conhecido pelo *Camões do Rocío*.

Seu pae, D. Pedro II, tivera do primeiro casamento com D. Maria Francisca de Saboia a princeza D. Izabel, fallecida quando já havia sido jurada successora; e do segundo com D. Maria Sophia de Neuburg, filha de Philippe Guilherme, conde eleitor palatino, os seguintes filhos:

Principe D. João, que viveu poucos dias.
Principe D. João, depois rei, quinto do nome.
O infante D. Francisco.
O infante D. Antonio.



O GENERAL LUIZ AUGUSTO D'ALMEIDA MACEDO
FALLECIDO EM 6 DE MAIO DE 1884 (Segundo uma photographia de Fonseca)

A infanta D. Thereza.
O infante D. Manuel.
A infanta D. Francisca.
O infante D. Francisco era, portanto, filho de D. Pedro II e o irmão mais velho de D. João V. Referem-se cousas horrosas d'esse personagem sinistro. Que era um preverso — que só associava com malfetores e homens perdidos de vícios — que fazia em Queluz orgias monstruosas — que andava de noite pelas ruas da cidade com o seu bando a fazer tumultos e desordens, como era

costume da fidalguia desde o reinado de D. João III, tendo sido até indispensavel uma vez degredar por esse motivo os creados do infante, (1) e, finalmente, que para se exercitar, atirando ao alvo, delectava-se em fazer pontaria aos marujos dos navios surtos no Tejo, e a vel-os depois cair mortos das vergas!

No que, porém, não ha duvida é que todos o temiam na côrte, e para se provar esta asserção basta citar um facto. D. João V, tendo feito promessa de ir em romaria a Nossa Senhora do Loreto, determinou cumprir-a em 1715. Tencionava partir em 4 de outubro para estar no Loreto pelo Natal, e visitar n'essa occasião a Italia, a Allemanha, a Hollanda, a Inglaterra e a França, demorando-se por lá um anno. Este projecto levantou sérias difficuldades internas e externas. O regente da França mandou ao seu embaixador, o abbade de Mornay, que representasse a el-rei os grandes inconvenientes que podiam resultar de uma ausencia tão longa; o duque de Cadaval fez-lhe tambem saber, pelo cardeal da Cunha, que em conformidade das leis fundamentaes do reino o soberano não devia ausentar-se d'elle sem consentimento expresso das côrtes; e a rainha, que se achava então no seu estado interessante, mostrou-se summamente desgostosa com a resolução de D. João V, e depois de ter empregado todos os meios para o dissuadir de semelhante proposito, lembrou-se de mover o infante D. Manuel a sair do reino sem licença do rei para o forçar a não seguir um exemplo que elle seria obrigado a desaprovar. O principal receio, porém, da viagem de D. João V, con-

forme o que o ministro de França communicava ao seu governo, em 20 de outubro, era ficar no reino o infante D. Francisco, o qual podia excitar *aleuantamentos na ausencia do irmão*.

Tinha artes diabolicas o infante D. Francisco e traças para as fazer vingar. Vendo o rei com tanta frequencia atacado de accidentes que faziam te-

(1) Em 1722 mandou el-rei degredados para a India alguns dos creados do infante D. Francisco, seu irmão, por algumas desordens que haviam feito de noite nas ruas de Lisboa. — *Quat. Elem.*, t. v, intr. pag. cclxvi, nota 1.



O INCENDIO DO QUARTEL D'INFANTERIA 5, NA GRAÇA

mer pela sua vida, de uma vez que elle foi muito doente para a quinta de Azeitão, pertencente ao duque de Aveiro, a mesma em que este foi preso no subsequente reinado e que serviu de casa de custodia aos jesuitas, imaginou, seguindo em parte o exemplo do pae, não tirara seu irmão o reino e a mulher, mas herdar d'elle ambas as cousas ao mesmo tempo. E vai d'ahi, péga de fazer a sua côrte muito galante á cunhada, Marianna de Austria. E a rainha, muito derretida, a aceitar-lhe a côrte e a gostar das assiduidades do infante; e os cortesãos e as fidalgas a cochicharem, a murmurarem, e os embaixadores a pedirem e a buscarem informações, a minutarem officios, a comporem memorias e a expedirem correios, a lidarem, a suarem, para mandar a todo o mundo a noticia d'estas fragilidades, que não raramente têm decidido o destino dos povos. Mas d'esta vez o caso não teve consequencias. É certo que o infante tinha por sua banda o diabo, mas não a Providencia. O rei, sim. Não era muito facil á Providencia esquecer D. João V. Lá estava em Roma o padre santo a lembrar-lh'o constantemente, quotidianamente, em suas apostolicas orações. D. João V, por sua parte, também o não largava a elle e aos cardeaes. E este genero de gente parece que já não se contentava com a marmellada e a caqueirada da India ou Indias que o embaixador de Portugal em Roma, D. Pedro de Mascarenhas, pedia a D. João III para lhes offerecer. Pois o lastro das náus portuguezas que tanto a miudo lançavam ancora no porto de Civita Vecchia eram barras d'ouro e diamantes do Brazil!

(Continua)

Alberto Telles.

A EXPOSIÇÃO AGRICOLA DE LISBOA

E

A solemnidade do dia 4 de maio de 1884

O facto pertence já á historia. A solemnidade do dia 4 de maio consagrou-o na expressão mais elevada, em honra da agricultura portugueza, a *alma mater* da riqueza nacional, como eloquentemente lhe chamou no discurso inaugural S. M. El-rei o sr. D. Luiz.

O parque da antiga tapada da Ajuda onde estão levantadas as edificações que constituem a exposição agricola como que parece talhado de molde pela sua situação principalmente, para uma exposição agricola. Dir-se-hia ter sahido, n'um momento de inspiração que enchesse de tons suavisimos, de jorros de luz, e de cambiantes caprichosos mas sempre harmonicos, da palheta vigorosa do mais arrojado artista. Um mimo, um sorriso, um hymno saudando a paz, o trabalho, a patria e a civilização.

A Suissa e o Bosphoro tem n'este panorama uns traços que os lembram de certo. Mas a luz d'elle desanuveada das sombras, que toldam o ceu das regiões alpestres, reflectida nos marmores de uma das facetas da cidade, que o Tejo acaricia na sua onda rumurosa, ou parecendo afogueada no

crestado das ameias da fortaleza que domina a praia do Rastulo, é bem mais formosa talvez, na propria belleza que anima, nos tons variadissimos em que tão graciosamente se distribue.

* * *

A meia encosta, dominando o bairro fabril, annunciando-se ao mesmo tempo ao navegante logo desde o ante-porto, o palacio da exposição agricola lembra o Trocadero, na sua galeria de curva elliptica e pelas suas tres cupulas.

Da varanda, que defronta o amplo estuario do Tejo, e liga as diferentes escadarias do pavilhão Central, ou dos terraços situados nas extremidades d'elle, desenrola-se aquelle panorama que mal descrevemos. De qualquer d'estes pontos, vê-se surgindo por entre o arvoredo as diferentes installações que constituem a Exposição Agricola, e que vamos indicar depois de vermos rapidamente o pavilhão central.

Estão n'elle installados os productos enviados á commissão executiva pelos diferentes districtos do Reino. Expostos em *etagères* collocados ao longo das curvas da galeria; ou formando a ornamentação central, mais ou menos graciosa, apresentam sob a côr variegada dos pendões que se desenrolam do tecto, ou no conjunto das decorações lateraes, um aspecto de agradável effeito.

A parte central do edificio é propriamente a exposição vinicola. De um e outro lado de um pequeno lago circular occulto sob um tufo de plantas exóticas, levanta-se um pavilhão formado de garrafas, e uma pyramide em que se lê o nome do sr. visconde da Ribeira Brava.

Os vinicultores mais distinctos, da Madeira, e do Porto, estão brilhantemente representados n'este ponto.

Os serviços agronomicos do districto de Lisboa occupam a parte oriental do Pavilhão. Na parte occidental as casas editoras de Lisboa, de David Corazzi & C., Lallemand Frères e outros accusam que se lê, e que se estuda no paiz.

Saindo do pavilhão pela escadaria occidental podemos ver um anexo, no estylo gracioso dos *Chalets* suissos, e no qual está estabulado o gado cavallar, que, á primeira exposição de gados, mandou S. A. o sr. infante D. Augusto.

Está também n'este anexo, parte do gado cavallar, com que concorreram a este certamen os srs. Reynolds de Estremoz.

Ao lado d'este anexo está situada uma pocilga de fórma circular, rusticamente coberta por um tecto de colmo.

Descendo a encosta, encontra-se o pavilhão do districto de Beja, do qual são dependencia umas *malhadas* para gado ovino e caprino. No pavilhão, estão expostos os vinhos, já famosos de Vedigueira, de Cuba, etc. os azeites de Moura e de outros concelhos, as lãs, os lacticivos, os trigos, e finalmente o estudo economico agricola representado em mappa com que o sr. Gerardo Pery e Pedro Victor da Costa Sequeira inauguravam os trabalhos da estatística da terra ou da propriedade rural.

Contiguos a esta installação, podemos notar os cercos do gado manadio. Um traço, pouco vigoroso ainda assim, do que ha-de ter encontrado quem tenha percorrido os campos de Portugal, e onde a

creação dos gados pôde fornecer ao artista a inspiração d'aquelles quadros que temos admirado nos esplendidos trabalhos de Carlos Relvas.

Vamos seguindo pela orla da encosta, notando uma modesta installação da industria ceramica.

Ao longo d'esta rua do parque, depara-se logo depois a Exposição Official agricola e florestal.

As mattas nacionaes — a quinta regional de Cintra e o Instituto geral de Agricultura, estão como entralaçados no interior do Pavilhão destinado a esta Exposição.

É attrahente pela sua disposição methodica e ao mesmo tempo graciosa. Em presença d'este conjunto, sente-se a impressão agradável que sempre actua sobre o espirito quando se depara com as revelações da intellectualidade levantada pelo proprio esforço até á comprehensão do valor do mundo physico e das forças que o trabalham.

Os estudos geologicos que se notam encorporados n'esta exposição completam-n'a admiravelmente, pela sua importancia, e pela cuidadosa demonstração do seu valor.

Analysada parcialmente, esta exposição pôde julgar-se menos completa de que seria se mais amplo fóra o Pavilhão em que está installada. No entanto desde a exposição dos estudos geologicos até ao que constitue a exploração do solo aravel, as sciencias agronomicas não deixam de afirmar n'este logar eloquentemente, a sua alta utilidade economica.

Agrupam-se em torno da exposição official os seguintes annexos. O que contém a machina que prepara a planta textil denominada *ortiga branca* — o colmeieiro, — e dois estabulos circulares, que dão abrigo ao gado cavallar da caudalaria viveiro da quinta regional da Cintra, ao gado bovino, tão importante no quadro da economia rural do paiz.

Seguem depois as installações do ex.^{mo} sr. F. S. Margiochi. A miniatura da exploração rural do distincto agronomo e opulento agricultor denomina-se «Monte das Flores».

A verdade agricola é, além de um notavel caracteristico d'estas installações, prova de quanto vale a boa comprehensão do que seja para o progresso da nossa economia rural uma exposição agricola.

Nem mais nem menos do que em si mesmo vale a exploração rural, tal é a maneira como se deve apresentar n'estes certamens, a agricultura que se reconhece valiosa n'um paiz essencialmente agricola como o nosso.

Por isso teem agradado e merecido applauso as installações a que nos referimos n'estas palavras.

A mechanica applicada á agricultura fecha o itinerario que temos seguido. Os seus productos são pelo geral d'elles mais um tributo que nós pagamos á industria estrangeira. Bom é, porém, que elles tenham sido introduzidos no paiz, a fim de que possamos lutar, pelo valioso auxilio que elles representam, contra a concorrência a que dão muitas vezes novo vigor.

Dois importadores de machinas agricolas — a Empreza Commercial Industrial Agricola e o sr. Carlos Figari — apresentam uma parte da moderna alfaiá agricola, que nós conhecemos, e alguns apparelhos industriaes, nas installações, que formam um lado importante do quadro da exposição agricola. Proximo d'elles, e n'um anexo dependente das edificações officiaes, expoz um industrial portuguez, o sr. Xavier, as machinas agricolas de producção nacional, e outros artefactos da

O PAPÁ GILBERTO

(Continuado do n.º 194)

IV

Os parentes pobres

Gilberto n'essas occasiões tomava umas attitudes imponentes, cheias de uma magestade respeitosa.

— Isso não é nada, isso não é nada

Tratava-se geralmente de um gallo na testa, um pequeno *hache* curavel ao contacto de um simples beijo, e quando muito de alguma ligeira arranhadura quasi sempre, salvo seja, no nariz.

Os cumplices averiguados convictos e conhecidos, d'estes pequenos delictos, eram sempre por via de regra os filhos de algum dos parentes pobres.

Elles é que de ordinario levantavam a feira e desmanchavam a festa.

Coitados! que não havia mal que lhes não puzessem, pois apezar de creanças dir-se-hia que tinham bem a consciencia da sua inferioridade, porque nem se atreviam a contrariar a vontade dos primos ricos, nem a tocá-lhes com um dedo.

O olhar d'elles era respeitoso sempre, e o traje pobresinho e ás vezes divertido.

Alguns chegavam a ser exóticos.

O filho do sr. João era muito esgalgado; tinha um pescoço alto de fórma circular á maneira de pato ganço; o menino Francisco mostrava umas ore-

lhas descommunes de que não havia memoria, verdadeiramente umas orelhas de onagro; o Josécito, esse era vesgo, de um estrabismo que fazia afflicção.

— O' filho! tu sempre és muito... não podes fazer carreira direita, dizem-lhe com certa repugnancia desprezadora.

N'este ponto os pobres levam de vantagem aos ricos não carecerem de espelho para conhecerem os seus defeitos, porque lhe são apontados por todos, e ninguém se peja de lh'os atirar á cara, bem desnudados e bem repugnantes.

Aquelles filhos dos parentes pobres em casa de Gilberto contrastavam de uma maneira triste e acanhada com a prole numerosa do feliz amphitrião.

Trajavam, é verdade, os seus fatos domingueiros, mas já muito no fio, embora escovadinhos e lavados, não desdizendo do arranjo das mães.

O Jozesito usava uma ópa comprida feita de um casaco velho de Gilberto, e sobre a ópa em redor do pescoço uma coisa branca que mais parecia uma romeira que uns collarinhos á mamã como então era de uso.

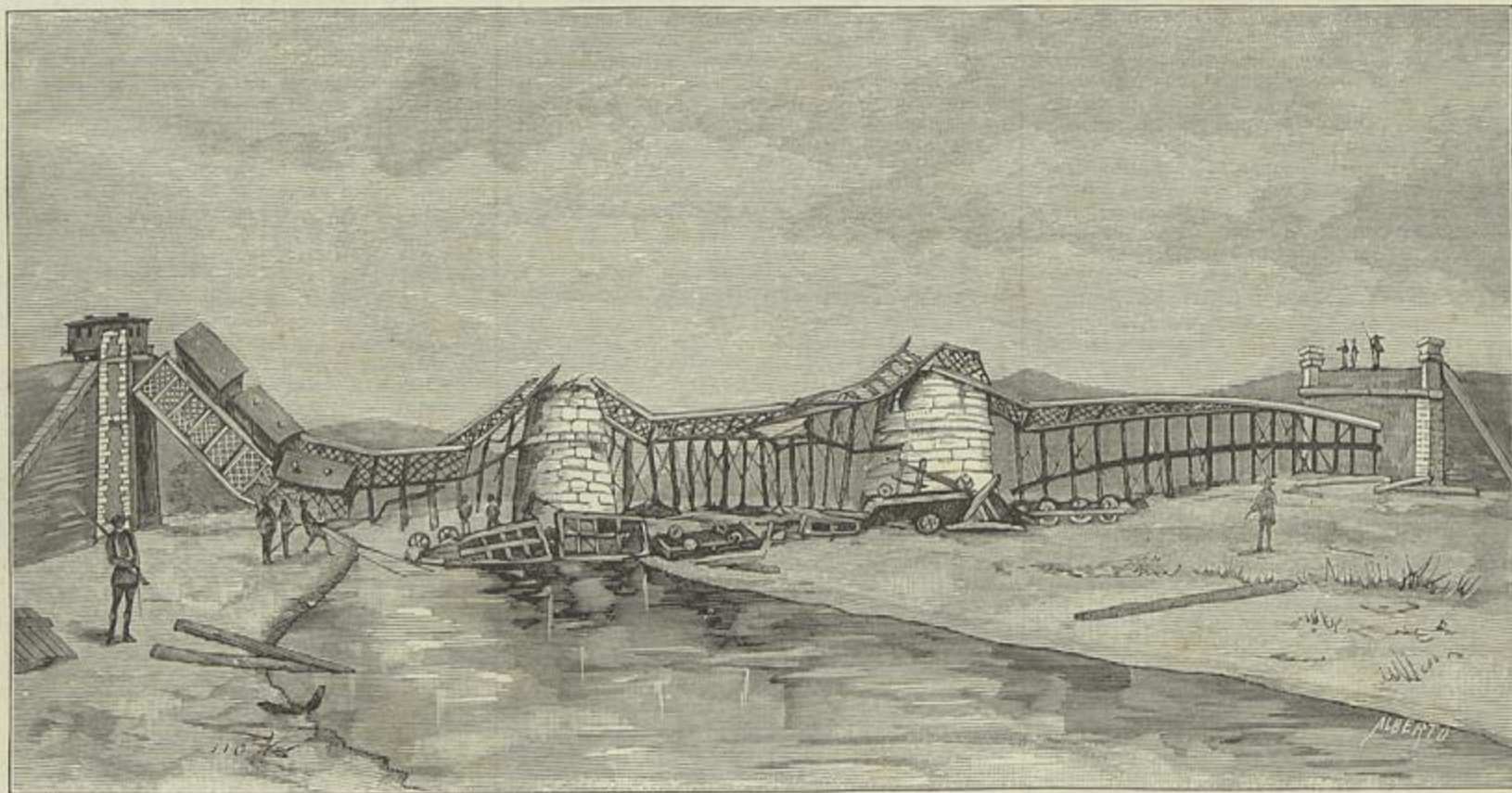
O Francisquinho trazia o seu fato de ha tres annos, e ia crescendo e desenvolvendo-se dentro d'elle como a ostra na casca.

O pae regalava-se de o ver, e a mãe folgava de que toda a gente notasse como seu filho crescia a olhos vistos e soubesse quantas vezes ella havia sido obrigada por esse facto a deitar-lhe abaixo a bainha das calças e do casaquinho.

Aquillo era faina certa de mez a mez.

De dia para dia estava a fazer differença o menino. Benza-o Deus. Se fosse por aquelle crescer dentro em pouco chegava ás nuvens, então adeus casaco e calças que não havia bainhas para tanto.

D. Perpetua chamava-lhe latagão, e experimentava ao vel-o uma certa repugnancia a que não era alheio o sentimento da inveja em razão dos



A CATASTROPHE DA PONTE DE ALCUDIA

logar muito distincto entre todos os conhecidos.

CABO SUBMARINO PELOS AÇORES. Como se sabe foi auctorizado o governo ao estabelecimento de um cabo submarino entre Lisboa e a America pela ilha de S. Miguel, e a concessão fôra adjudicada ao sr. Braan, mas ultimamente foi permittida a transferencia dos direitos d'este cavalheiro para uma companhia ingleza e americana. Segundo as condições da adjudicação a primeira secção d'este cabo, entre Lisboa e S. Miguel deve estar concluida em setembro do corrente anno. É caso de nos felicitar e comnosco os habitantes de S. Miguel, e oxalá possamos dentro de algum tempo felicitar os habitantes das outras ilhas dos Açores, por estarem ligados entre si pelo mesmo meio.

ESTATUA DE VIOLET-LE-DUC. O notavel architecto francez, fallecido ha poucos annos acaba de receber a consagração publica devida ao seu grande merito. No portal da capella do palacio de Pierrefonds, uma das suas creações, foi-lhe erigida uma estatua, que fica encostada á pilastra media do portal, similhantemente á posição que occupa a do infante D. Henrique, no portal da igreja dos Jeronymos em Belem. A estatua, que é uma obra notavel, é devida ao cinzel do sr. Hiolin.

COLLEÇÃO DE MANUSCRITOS. Os periodicos de Roma noticiam que o professor Pascoal Villari fizera aquisição, em Londres e por ordem do governo italiano da famosa colleção de manuscritos italianos da bibliotheca de lord Ashburnham. Esta colleção que se compõe de mais de dois mil manuscritos é da mais alta importancia para a historia e litteratura de Italia. Nota-se entre outros, alguns manuscritos da *Divina Comedia* do Dante, que poderão ser de alguma utilidade para futuras edições. O contrato da compra será submettido brevemente á apreciação do parlamento, cuja aprovação é sabida. Entre nós, não só os governos não mandam comprar fóra manuscritos portuguezes, mas deixam vender para fóra do paiz os que apparecem á venda em Portugal, e não sabemos se os parlamentos aprovariam de boa vontade qualquer despeza d'essa natureza.

ANNIVERSARIO DE FLORIAN. O sr. Fabre des Essarts, poeta muito conhecido, auctor de uma nova colleção de poesias sob o titulo de *Humanidade*, actualmente em via de publicação, acaba de alcançar o premio que a cidade de Sceaux concede cada anno á melhor peça de versos relativa a Florian. A poesia de Fabre des Essarts foi recitada domingo 25 de maio ultimo, junto ao tumulo do notavel escriptor francez, por um dos irmãos Lionnet.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

A SETTA, revista litteraria e scientifica. Redactores, Julio de Freitas, Gomes da Silva e João Mendes; colaboradores, distinctos academicos portuguezes. É o n.º 1, e contem artigos litterarios e scientificos.

LE PORTUGAL ET LA FRANCE AU CONGO, par un ancien diplomate. Paris. E. Dentu, libraire—éditeur... 1884. 8.º de 70 paginas. — Quando varios homens publicos de diversos Estados, varios periodicos de diversas nações e algumas corporações estrangeiras, movidos principalmente por vistas interesseiras, e animados por aquella ousadia que dá a ignorancia dos factos de que se trata, tem levantado uma certa celeuma perante o mundo civilisado, contra o tratado celebrado entre os governos portuguez e inglez, com relação ao dominio do Zaire ou Congo, satisfaz perfeitamente o nosso espirito ver como homens desinteressados, tem procurado esclarecer a opinião publica, sobre tão importante questã, mostrando não só os direitos incontestaveis de Portugal sobre os territorios aludidos, mas e principalmente que a acção e dominio de Portugal, sobre os povos africanos tem sido sempre, contra o que propalam alguns traficantes disfarçados, mais benefica e civilisadora do que a da maior parte das nações civilisadas, que com elles entraram em relações. O opusculo de que tratamos, em poucas paginas, com uma concisão mathematica e uma logica clarissima e rigorosa desfaz todos os argumentos que se tem deduzido contra o tratado, e apresenta, contra as opiniões desfavoraveis que mais se tem pretendido espalhar na Europa, outras de alguns individuos muitissimo auctorizados, que tem desmentido aquellas, perante as suas respectivas nações, no seio das proprias sociedades onde a questã tem sido suscitada e até em obras conhecidas de todos; e prova finalmente que se uma ou outra camara de commercio tem representado contra o tratado, com fundamento de supposta falta de garantias n'elle, outras se tem escusado a fazel-o, por isso que o tratado garante todos os direitos e liberdades, como os gritadores e difamadores encartados e por encartar poderiam saber, se tivessem lido os artigos 2.º, 3.º, 4.º e 5.º do tratado, e ainda outros. Nós repetimos, não julgamos o tratado um primor, julgamos até que com mais alguma habilidade, finura e tempo, se teria podido conseguir mais, mas julgamos tambem que no estado actual das questões africanas, e com a urgencia com que era mister terminar esta pendencia, se

fez o mais que se poude; e por isso lemos com prazer todos os escriptos que homens competentes, como o auctor do opusculo, lançam ao publico em demonstração da nossa justiça.

LIBERTAÇÃO DA PROVINCIA DO CEARÁ. Discurso do presidente da provincia. Editoriaes e noticias do Cearense. 1884. Fortaleza. Typ. do Cearense. — Rua Formosa n.º 88. — 8.º de 23 paginas. Este opusculo onde se acham reunidos alguns artigos publicados no *Cearense*, por occasião da completa emancipação dos escravos da provincia do Ceará, discurso do presidente da provincia por occasião de se levar a effeito esse facto, e felicitações de auctoridades e associações, é o remate de tão glorioso acontecimento.

LA BOLSA, EL COMMERCIO Y LAS SOCIEDADES MERCANTILES. por Don José Montero y Vidal, jefe de negociado del ministerio de Fomento. — Tercera edicion, corregida y notablemente augmentada. Madrid, Tip. del Asilo de Huérfanos del Sagrado Coraçon de Jesus, Atocha, 68. 1883. — 8.º de xv — 262 paginas. Neste opusculo acha-se compendiado, com concisão, clareza e perfeito conhecimento do assumpto, tudo o que se refere á bolsa, ao commercio e ás sociedades mercantis, incluindo a legislacão respectiva e varias decisões dos tribunales hespanhoes, enriquecido no fim com um apendice, composto de diversos mappas, onde se include uma listas: dos agentes de cambio e bolsa, corretores e interpretes de todas as praças mercantis e alfandegas maritimas de Hespanha; outra das sociedades estrangeiras que, por auctorisação legal, funcionam no paiz visinho; outra das companhias de caminhos de ferro, com a designação das respectivas linhas e sua extensão kilometrica, com um mappa do numero de kilometros abertos á exploração publica desde 1848 até hoje, e outro das emissões de obrigações hypothecarias auctorizadas pelo ministerio do fomento desde maio de 1877. — Como se vê é uma obra de muita noticia e que serve a todo o momento para util consulta.

ERRATA IMPORTANTE

Na biographia de Henrique Pouzão, publicada no n.º 193 d'este jornal saíram duas inexactidões que cumpre rectificar.

O mallogrado artista falleceu em Villa Viçosa, e não em Odemira, dando-se esse triste acontecimento no dia 27 de março, e não em 20 como se referiu.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

TYPOGRAPHIA ELZEVIANA — LISBOA